

A Canção de Maria

Prelúdio de Belém—Parte 3

Lucas 1.26–56

Introdução

Em nossos dois últimos encontros, tratamos de algumas das músicas mais belas já compostas e entoadas em relação à encarnação do Filho de Deus, isto é, belíssimas canções de Natal. Antes mesmo do nascimento de Jesus, muito tempo antes de os anjos cantarem no interior aos pastores, houve um prelúdio de Belém. O profeta Isaías escreveu palavras imortais em Isaías 9.6:

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz;

Conforme vimos, essa canção é dividida em 7 partes que revelam a identidade do Messias:

1. *Um menino nos nasceu* se refere à humanidade do Messias.
2. *Um filho se nos deu* fala da humanidade e da divindade de Jesus Cristo, o qual foi Filho em três sentidos:
 - a. Filho de Maria, que descreve seu relacionamento e mistura com a raça humana;

- b. Filho do Homem, que descreve seu papel e missão como Redentor da humanidade;
 - c. E Filho de Deus, que descreve sua realeza e membresia como a segunda Pessoa da Trindade.
3. *E o seu nome será: Maravilhoso*, ou seja, incompreensível.
 4. *E o seu nome será... Conselheiro*, ou seja, o Messias é o único Conselheiro perfeito e infalível.
 5. *E o seu nome será... Deus Forte*, que declara que o Messias é o Deus Poderoso Yahweh.
 6. *E o seu nome será... Pai da Eternidade*, indicando que o domínio de Jesus Cristo é a eternidade e sua especialidade é a vida eterna;
 7. *E o seu nome será... Príncipe da Paz*, um título profético que fala que o Messias estabelecerá o trono de Davi na sua Segunda Vinda e reinará sobre o mundo.

Como percebemos, o cântico de Isaías é riquíssimo em seu conteúdo sobre o Messias, Jesus

Cristo.

Mas o profeta Isaías não foi o único a entoar um cântico sobre o Messias; um sacerdote chamado Zacarias também compôs um cântico. Depois que a língua de Zacarias foi solta, ele transbordou numa canção que já vinha compondo há 9 meses. Sua canção está registrada em Lucas 1.68–79, e o título de seu hino é “Nascer do Sol do Alto.” O cântico termina com o fim das trevas e o amanhecer da vida eterna.

A canção de Zacarias foi dividida em 4 estrofes:

1. A primeira falava da salvação de Israel;
2. A segunda declarava a soberania de Deus;
3. A terceira destacava o próprio filhinho de Zacarias, João Batista.
4. E a quarta cantava sobre o Salvador.

Vimos que Zacarias dá ao Messias Salvador um título pouco conhecido. Que nome maravilhoso o verso 78 dá ao nosso Salvador! Que nome apropriado ao nosso Salvador, mas que é tão ignorado. O título é *sol nascente*. E ele vem para *alumiar os que jazem nas trevas*. Por meio do Messias, Deus cria um povo separado. Conforme Pedro escreveu em 1 Pedro 2.9:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

Chegamos, hoje, à terceira canção relacionada ao nascimento desse Messias Salvador. Talvez a pessoa mais jovem a compor um hino sobre o nascimento vindouro de Cristo foi uma jovem moça

chamada Maria. Ela recebe a visita do anjo Gabriel e, em seguida, entoar um belíssimo hino sobre o nascimento do Messias que em breve virá. Sem dúvida, música e o nascimento de Cristo são duas coisas inseparáveis.

A Apresentação de Maria

Antes de mergulharmos na letra do hino de Maria, vamos observar, primeiramente, o contexto de Maria, sua surpresa, sua submissão a Deus e, por último, sua canção.

O Contexto de Maria

Descobrimos o contexto da família de Maria no primeiro capítulo de Lucas. Veja o verso 26:

No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré,

Pare aqui por um momento. Essa identificação geográfica seria o suficiente para gerar calafrios na espinha dorsal de um judeu ortodoxo. Gabriel aparece trazendo a mensagem mais significativa que a humanidade ouvirá. Ele voa pelas galáxias até o planeta Terra para proclamar especificamente a notícia de que o Messias está prestes a nascer. E ele pousa, não na Judeia, onde Deus tem trabalhado no decorrer dos séculos. Gabriel ignora a Judeia e pousa na Galileia.

A cidade de Nazaré era poluída por romanos e gentios em geral; era impura e sem importância para os judeus. A vila era de baixa qualidade, corrupta e ficava no caminho que conduzia a duas cidades gentias pobres: Tiro e Sidom. O rumor surgiria—algo no qual os liberais acreditam ainda hoje—que Maria teve um caso com um soldado romano e concebeu dessa fornicação. Ao filho que resultou, ela deu o nome Jesus.

Quando Natanael foi convocado para ser um dos discípulos de Cristo e ouviu que Jesus era oriundo da Galileia, ele disse, conforme registrado em João 1.46: ***De Nazaré pode sair alguma coisa boa?***

Além de ignorar a Judeia e ir para uma região desprezada pelos judeus, quando Deus enviou o anjo Gabriel para Nazaré ele também ignorou a cidade santa e o local mais sagrado em Israel: o templo. Sem dúvidas, a notícia seria proclamada para aquele povo! Sem dúvidas, a mãe do Messias seria uma das filhas do sumo sacerdote ou de alguém importante na aristocracia judaica situada em Jerusalém.

Entretanto, Gabriel ignorou os religiosos e os indivíduos de pedigree. Ele voou sobre os religiosos, instruídos e sobre os lares com maior potencial de oferecer boa criação para o Messias. Como Lucas nos informa, o anjo Gabriel voou em direção a Nazaré.

Continue lendo Lucas 1.27:

a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria.

Meu amigo, a notícia mais importante a ser anunciada à humanidade em toda a história foi proclamada na cidade mais inusitada e para a pessoa mais inusitada de todas. A mensagem foi anunciada a uma adolescente iletrada, tão pobre quanto as pessoas ao seu redor.

Maria era uma menina que só tinha um elemento positivo na vida: estava noiva. Seus pais tinham conseguido negociar com outra família judaica que tinha um filho, cujo nome era José. Nenhuma das duas famílias era rica. Segundo uma fonte do século terceiro, José fabricava arados e

outros equipamentos para fazendeiros e sitiantes da região.

A ironia nessas duas famílias está em sua árvore. Não na árvore no quintal de casa, mas na árvore genealógica. Se rastreássemos a árvore genealógica de José e de Maria, voltaríamos até Davi. Esse casal pobre era o herdeiro legítimo ao trono de seu ancestral, o próprio rei Davi. José e Maria tinham sangue real correndo em suas veias!

Um autor escreveu:

Todos os indícios das Escrituras sugerem que sua vida teria sido tudo, menos extraordinária. Ela se casaria com um homem humilde, teria vários filhos pobres, jamais viajaria além de poucos quilômetros de sua casa e, um dia, morreria, assim como muitas outras moças antes dela. Maria era ninguém numa cidade do nada, no meio do nada.¹

Até hoje, o Evangelho parece voar longe dos indivíduos orgulhosos, religiosos e influentes. O Evangelho do Messias ainda vai a pessoas que sabem ser necessitadas e indignas.

Semelhantemente, o Messias nasceu de uma moça que jamais seria considerada digna. Maria era iletrada e vivia num lugar insignificante.

A Surpresa de Maria

A vida para Maria, contudo, está prestes a mudar eternamente. Lemos em Lucas 1.28–30:

E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir esta palavra, perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria esta saudação. Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus.

A tradução latina *Vulgata* traduziu as primeiras palavras de Gabriel no verso 28 da seguinte forma: “Ave Maria, cheia de graça.” Se Lucas quisesse ter comunicado que Maria era cheia de graça, ele teria usado a mesma expressão grega que usou para falar de Estêvão em Atos 6, quando escreveu que Estêvão era “cheio da graça de Deus.”

Gabriel diz simplesmente à Maria que ela foi escolhida por Deus, que ela encontrou o favor de Deus, mas não por causa de algo que ela tenha feito para Deus, mas por causa daquilo que Deus está prestes a fazer por ela!

O erro da tradução da *Vulgata*, que sugere que Maria já era cheia de graça a ponto de merecê-la, deu origem a heresias dentro da igreja Católica no decorrer da Idade Média. A igreja Católica passou a crer que Maria tinha todos os dons, até mesmo acima dos anjos. Essa perspectiva deu origem ao pensamento de que Maria podia conceder graça à humanidade, o que resultou em orações sendo oferecidas a ela. Essas orações geralmente começam com a tradução incorreta da construção grega para o latim: “Ave Maria, cheia de graça.”

No que diz respeito a Maria, existem dois extremos:

- Exaltar Maria; ou
- Ignorar Maria.

Um extremo é, com efeito, deificar Maria. Ela teria que ser divina para conseguir ouvir milhões de orações e, em seguida, fornecer graça e influenciar o Pai, já que ninguém mais além do próprio Deus o influencia.

Para que Maria tivesse o papel de influenciar o Deus Pai, ela teria que ser imaculada e moralmente perfeita. Se o anjo Gabriel estivesse informando Maria que ela foi escolhida por Deus porque já era

cheia de graça perfeita, então, ela teria que ter nascido livre de pecado.

Essa crença foi transformada em dogma católico no dia 8 de dezembro de 1854, quando o papa afirmou a doutrina da “Concepção Imaculada.” O papa disse: “Desde o primeiro instante de sua concepção, a Abençoada Virgem Maria foi protegida da mancha do pecado original.” Em outras palavras, Maria nunca pecou. Na verdade, nem teve uma natureza pecaminosa; ela foi protegida do pecado original.

A Bíblia, por outro lado, não ensina isso em lugar algum. Lemos, porém, que:

- Jesus não conheceu pecado (2 Coríntios 5.21);
- Jesus não cometeu dolo (1 Pedro 2.22);
- Jesus não teve pecado (1 João 3.5).

Gabriel não desceu para proclamar a Maria como ela tinha conseguido viver uma vida perfeita, livre de corrupção; ele desceu para lhe explicar como conceberia pelo poder de Deus e daria carne e sangue ao Messias.

Warren Wiersbe escreveu: “Quando o anjo Gabriel chegou a Maria, ela não disse: ‘Até que enfim! Já estava na hora!’”²

Um extremo é deificar e exaltar o servo ao invés de o Soberano. O outro extremo é ignorar o servo; é querer se distanciar o máximo possível da distorção teológica que exalta o papel de Maria como co-mediadora e co-redentora, a ponto de se ignorar essa adolescente incrível, cuja entrega a Deus serve de exemplo de submissão e fé.

A Submissão de Maria

Veja o que Gabriel continua dizendo em Lucas 1.31–33:

Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim.

Observe também o verso 34:

Então, disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?

Talvez você se lembre de que, quando Gabriel informou o velho Zacarias que ele e sua esposa teriam um bebê, Zacarias reagiu com dúvida e exigiu prova. Maria, porém, não responde da mesma forma. Ela não faz a pergunta do verso 34 porque duvida da promessa, mas porque não entende o processo.

O anjo Gabriel explica, então, o milagre no verso 35a:

Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra...

O verbo traduzido como *envolverá com a sua sombra* é o mesmo empregado na versão grega do Antigo Testamento para falar da presença de Deus dentro do Santo dos Santos no tabernáculo e templo. “O ventre de Maria se tornará o Santo dos Santos do Filho de Deus.”³

Maria responde, dizendo no verso 38:

Então, disse Maria: Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra. E o anjo se ausentou dela.

Com base nos demais Evangelhos, sabemos que a submissão de Maria a conduziu, por fim, a informar José. Ela tentou explicar que sua gravidez não era o trabalho de outro homem; ela falou do anjo que a visitou. Contudo, José não acreditou.

É difícil imaginar a tristeza no coração dos dois. Parecia que:

- A mulher com a qual José tinha escolhido se casar tinha sido infiel;
- O homem com o qual Maria planejava se casar não confiava mais nela.

Entretanto, José ainda amava Maria. Em Mateus 1, lemos que ele não desejou difamá-la; então, planejou deixá-la secretamente.

Mas, daí, José recebeu a visita de um anjo durante um sonho. O anjo revelou que Maria tinha dito a verdade e que ele deveria se casar com ela e dar ao filho recém-nascido o nome “Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.”

Então tudo era verdade! Toda aquela história de Deus e anjo e concepção pelo Espírito Santo—Maria disse a verdade. Mas quem acreditaria nisso? Sua família não acreditaria; os vizinhos também não.

O *Talmude* ensina que Maria foi uma amante de um soldado romano chamado Panthera. Dessa forma, Jesus era um filho ilegítimo, bastardo. De fato, anos depois quando Cristo deu início ao seu ministério público, os fariseus disseram para ele em João 8.41: ***nós não somos bastardos.***

Havia, contudo, alguém que acreditaria na história de Maria. Na verdade, um casal de idosos, Zacarias e Isabel, acreditaria na jovem. Por isso, Maria foge para a casa deles que ficava a três dias de distância. E assim que ela chegou, o filho de

Isabel se agita dentro de seu ventre e Isabel e Maria desfrutaram de comunhão como somente as mães de dois filhos milagrosos poderiam desfrutar. Elas eram:

- Isabel, a mãe do precursor do Messias; e
- Maria, a mãe do Messias.

O Cântico de Maria

Ali mesmo na casa do sacerdote Zacarias e Isabel, Maria começa a entoar uma canção que deve ter vindo compondo pelo caminho na viagem de três dias. Vamos observar as formas como ela louvou a Deus por meio desse cântico.

1. Primeiro, Maria louva a Deus por sua salvação.

Contrário ao que ensina a igreja Católica, Maria era pecadora e ela mesma reconhece sua necessidade de um Salvador. Assim como todos os demais membros da raça humana, ela precisava ser redimida, salva. Veja o que ela mesma diz em Lucas 1.46–47:

A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador,

Aquele quem ela deu à luz em breve lhe conduziria à luz da vida eterna.

2. Segundo: Maria louva a Deus por seu testemunho.

Continue lendo o verso 48:

porque contemplou na humildade da sua serva. Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada,

Maria diz, com efeito: “Imagine só! Deus

escolheu alguém como eu para fazer algo grandioso!”

3. Terceiro: Maria louva a Deus por seu poder.

Leia o verso 49: *porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome.*

4. Quarto: Maria louva a Deus por sua misericórdia.

Veja o que Maria canta em louvor a Deus no verso 50:

A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem.

5. Quinto: Maria louva a Deus por manifestar sua soberania.

Permita-me destacar três maneiras como Maria louva a Deus por isso:

- Primeiro, por exaltar os humildes. Veja os versos 51–52:

Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos. Derribou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes.

- Segundo, por saciar os famintos. Continue no verso 53:

Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos.

A propósito, enquanto estudar esse hino, você perceberá que cada frase é uma citação do Antigo Testamento. Maria pode até ter sido iletrada, mas como uma judia fiel, ela tinha memorizado muitas passagens do Antigo Testamento que tinha aprendido quando ainda criança.

Maria transborda pensamentos sublimes e maravilhosos acerca de Deus. O Deus que ela adorava podia salvar, era misericordioso e santo, poderoso e soberano em sua administração do mundo no qual era vivia. O Deus de Maria era o Deus que exaltava os humildes, enriquecia os famintos e que manifestava sua soberania de uma terceira forma também.

- Terceiro, por firmar os desamparados. Veja os versos 54–55:

Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais.

Conclusão

No verso 56, lemos:

Maria permaneceu cerca de três meses com

Isabel e voltou para casa.

Charles Swindoll escreveu: “Três meses depois, Maria volta a Nazaré para se casar com José e embarcar numa tempestade de controvérsias que durariam pelo resto de sua vida.” Na verdade, essa controvérsia tem durado mais de 2 mil anos.

Os tempos mais difíceis para se entoar canções são os tempos de dificuldade. Essa música nada diz sobre a vida em Nazaré; não fornece uma resposta à dor e tristeza vindoura de Maria. Ou será que fornece? É possível que sim, pois ela foca em Deus, que é o Salvador, o Soberano, o Misericordioso.

Aqueles que se entregaram pela fé e submissão a esse Senhor vivo—os que ouviram a mensagem da encarnação, creram e depositaram sua confiança no Filho de Deus nascido da virgem, o qual veio para buscar e salvar o perdido—esses podem entoar a canção de Maria.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 22/12/2002

©Copyright 2002 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ R. Kent Hughes, *Luke: Volume 1* (Wheaton, IL: Crossway, 1998), p. 30.

² Warren Wiersbe, *Be Compassionate* (Victor Books, 1988), p. 14.

³ *Ibid.*, p. 15.